

BIBLIOGRAFIA

- “Cricket (insect)”. In *New World Encyclopedia*. Online: [http://www.newworldencyclopedia.org/entry/Cricket_\(insect\)](http://www.newworldencyclopedia.org/entry/Cricket_(insect)).
- Hamond, Carol. “The Courtley Crickets”. *Arts of Asia*, 13 (2), Mar-April 1983, pp. 81-86.
- Ho Chuimei; Adler, Lisa, Bronson, Bennet. “Ceramic Cricket Jars in the Field Museum”. *Field Museum of Natural History Bulletin*, 60 (8), Sep./Oct. 1989, pp. 6-15. Online: <http://www.biodiversitylibrary.org/item/25532#page/244/mode/1up>.
- “How to Recognize Crickets, Katydid, and Cicadas”. University of Florida. Online: <http://entnemdept.ifas.ufl.edu/walker/buzz/i00dis.htm>.
- Jin Xing-Bao. “Chinese Cricket Culture”. *Cultural Entomology Digest*, 3, Nov. 1994. Online: http://www.insects.org/ced3/chinese_crcul.html.
- ; Yen, A. L. “Conservation and the Cricket Culture in China”. *Journal of Insect Conservation*, 2, 1998, pp. 211-216. Online: <https://www.deepdyve.com/lp/Springer-journal/conservation-and-the-cricket-culture-in-china-OVL3tgtF6s/1>.
- Lau, Joseph S. M.; Goldblatt, Howard (eds.). *The Columbia Anthology of Modern Chinese Literature*, 2. ed. Nova Iorque: Columbia University Press, 2007.
- Laufer, Berthold. “Insect-Musicians and Cricket Champions of China”. *Anthropology – Leaflet 22*. Chicago: Field Museum of Natural History, 1927. Online: <http://library.umac.mo/ebooks/b31042168.pdf>.
- “Longan”. In *Encyclopaedia Britannica*. Online: <http://www.britannica.com/plant/longan>.
- Luo Fu. “The Cricket’s Song”, in Michelle Yeh, N. G. D. Malmqvist (eds.), *Frontier Taiwan: An Anthology of Modern Chinese Poetry*. Nova Iorque: Columbia University Press, 2012, pp. 128-129.
- Mote, Frederick W. *Imperial China 900-1800*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2003.
- Semedo, Álvaro, S. J. *Relação da Grande Monarquia da China*. Macau: Direcção dos Serviços de Educação e Juventude/Fundação Macau, 1994.
- Soloman, Barry J. “The Cricket Story”. *Arts of Asia*, 14 (6), Nov-Dec 1984, pp. 76-87.
- Standaert, Nicolas. *The Interweaving of Rituals: Funerals in the Cultural Exchange between China and Europe*. Seattle: University of Washington Press, 2008.
- “Tettigoniidae”. In *New World Encyclopedia*. Online: <http://www.newworldencyclopedia.org/entry/Tettigoniidae>
- Yutaka Suga. “Chinese Cricket-Fighting”. *International Journal of Asian Studies*, 3 (1), 2006, pp. 77-93. Online: <http://www.ioc.u-tokyo.ac.jp/~suga/papers/chinese%20cricket-fighting.pdf>.

Poesia em Macau
(Escrita Criativa)

ANA CRISTINA ALVES*



Desde que chegara a Macau em Abril de 2013, Francisco entregou-se a longos passeios pela cidade. Nas suas deambulações descobriu um jardim que lhe era quase homónimo, não fora o halo santo. O Jardim de São Francisco, entre a Rua da Praia Grande, a Rua Nova Guia e a Calçada dos Quartéis.

Em chinês chama-se Jardim dos Castelhanos (Jiasilan Huayuan 加思栏花园), por ter sido fundado por franciscanos castelhanos. Depois passou para a mão de franciscanos portugueses, até que em 1861, com a extinção das ordens religiosas, se tornou público¹ e o convento deu lugar a um quartel.

Mais tarde, o progresso continuaria a fazer das suas e o jardim começou a encurtar. Os primeiros cortes, ou melhor dizendo, as primeiras fachadas, vieram-lhe de uns aterros, a que se seguiu o desaparecimento do coreto, onde a alta sociedade se costumava reunir a ouvir música, para dar lugar a uma rua, a de Santa Clara.

Mas que tinha a Santa a ver com a rua? Se tivesse bom ouvido musical, não teria por certo concordado em aliar o seu nome à demolição dum coreto.

O Jardim de São Francisco é considerado o primeiro de Macau, ainda que reduzido à sua expressão mínima, mantém-se junto ao Clube Militar, como que a enfatizar a presença dos portugueses nesta China do Sul.

Nada lhe falta do que é genuinamente português, ou melhor ibérico: primeiro, a mão religiosa que o fundou. Depois, o corpo militar que contribuiu para o manter e, por fim, até o lirismo expresso num belo poema de Camões.

Que teria sido dos portugueses do Extremo Oriente sem a força poética para os sustentar? Soldados ou não, à semelhança de Camões. Muitos deles mais soldados à força do que por verdadeira vocação. Perdidos no fim do mundo, por terem sido excluídos ou até praticado deliberadamente a autoexclusão do seu lugar natural, este último entre muitas aspas.

Camões tinha sido empurrado para o exílio por juventude e imprevidência ou por razões intrínsecas à sua própria natureza?

Fora obrigado a deixar o país ou este realmente nunca lhe pertencera? Quem o perseguiu: fora vítima de nobres malfetores ou do seu temperamento poético? Para estas questões não haverá resposta pronta e imediata, por mais voltas que demos à sua biografia.

* Licenciatura, mestrado e doutoramento em Filosofia, este último, em 2005, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Trabalhou em Macau no Instituto Politécnico de Macau e na Universidade de Macau como professora de Português Língua Estrangeira, de Cultura, Filosofia e de Tradução Chinês-Português. Tem várias obras publicadas nos campos da Filosofia, Tradução e Língua e Cultura Chinesas

Degree, M.A. and Ph.D. in Philosophy, the latter in 2005 from Lisbon University's Faculty of Arts. She worked in Polytechnic Institute of Macao and in The University of Macao as teacher of Portuguese as Foreign Language, Culture, Philosophy and Chinese-Portuguese Translation. She published works in the field of Philosophy of Culture, Chinese Translation and Language.

LITERATURA

O poema do Jardim de S. Francisco revela-nos um eu poético muito triste e angustiado:

N'esse poiso
De suave tristeza me acudiam
À memória as lembranças do passado,
Magoadas com as ideias do presente,
De envolta com receios do futuro.
E acaso de esperança verdejada.
Leve folha dos ventos assoprada

Os versos escolhidos para figurar em tão vetusto jardim referem as três dimensões temporais e em nenhuma delas qualquer nota de optimismo; mesmo a esperança, viria mascarada de acaso, *frágil folha ao vento assoprada*.

Do passado nem valia a pena falar, porque as memórias permaneciam mergulhadas na dor presente, talvez até mesmo, e sei que sim, tivessem conduzido à situação em que se encontrava. Quanto ao futuro, nada lhe prometia de risonho. A má sorte que perseguira o poeta em Portugal e na Índia foi temporariamente suspensa em Macau, mas logo renasceu mal regressou à pátria. Aí viria a morrer em 1580, legando a maior epopeia que Portugal nem sonhava poder vir a ter – *Os Lusíadas*.

Camões esteve em Macau e reza a história poética, sempre verdadeira, que terá escrito grande parte de *Os Lusíadas* naquela que é chamada a gruta do Jardim Camões. Fugindo a uma vida recheada de intrigas, o Oriente permitiu-lhe viver por algum tempo ao abrigo das intempéries humanas. Goa incumbiu-o do cargo de Provedor-Mor dos defuntos e ausentes em Macau, onde esteve por dois anos entre 1556 e 1558. Em Macau compôs numa gruta parte de *Lusíadas*. Rendeu-lhe a estadia e mais ainda a Portugal.

Tantos séculos depois, e salvaguardadas as distâncias, o mesmo se passa comigo, pensou Francisco. Fui ameaçado de desemprego, fiz-me à estrada, partilho alguns dos receios do poeta; só não lhe herdei o jeito, embora também registe os meus estados de espírito, mas o que faço não se podem chamar poemas, são rabiscos poéticos, sinais de que continuo vivo; sem eles poderia ser um fantasma qualquer, em terra onde eles proliferam.

Quinhentos anos depois, a situação mudou muito. Há bem menos espaço para escrever em grutas. Aliás quase todos os jardins estão reduzidos à sua

expressão mínima. Entretanto, a selva humana avança imparável. O Jardim das Artes, a que chamo Jardim de Camilo Pessanha, por ter uma estátua do poeta com o seu cãozinho, também encolheu sem qualquer magia do País das Maravilhas, e nem mesmo o Jardim Camões escapou à actividade formigueira chinesa, tendo entretanto sido construída uma biblioteca para que as pessoas se possam cultivar.

Francisco encaminhou-se para lá, queria ver as homenagens que a terra continuava a prestar a Camões. De facto, não estava esquecido. É mais fácil homenagear quem está morto – pensou. Não que ele quisesse homenagens, até porque nem sequer as merecia, mas ocorriam-lhe aqueles que injustamente tinham sido silenciados ao longo dos séculos. Ou seria mesmo assim? Visto do avesso, uma prova de reconhecimento. Quanto menos se fala de alguém, mais mérito tem a pessoa. No Oriente, quanto menos se desse nas vistas, melhor. Na China natural, mas também na social, o ser humano não passava por tradição de um ponto minúsculo na paisagem. O pior é que este, dado o crescimento económico e demográfico, se tinha vindo a agigantar de modo a abafar todos os outros pontos. Não se ficara por aí: as suas ameaças voavam da terra ao céu, em nuvens de fumo tóxico e nauseabundo.

O Jardim Camões nunca foi conhecido entre os chineses como um hino ao poeta, apesar da gruta e do busto. Para eles era o Jardim dos Ninhos das Pombas Brancas (Bai Ge Chao Gongyuan 白鸽巢公园), porque reza a história que depois de Camões ter assentado poiso numa gruta de uma antiga quinta, esta viria a pertencer a um português abastado, que muito gostava de criar e alimentar pombas brancas.

Seriam os vestígios de uma visão religiosa? Ou talvez não. Criaria o português as pombas em memória do Divino Espírito Santo, esse mesmo que inspirara o poeta a escrever? Afinal, as musas do Tejo e do Mondego, numa leitura possível, mais não são do que expressões materializadas do mesmo espírito, ajeitadas ao gosto das tendências estéticas de Camões.

Pouco importam as minhas interpretações! Suspirou Francisco. O certo é que os chineses gostaram das belas pombas brancas do Português. Se hoje se mostram menos complacentes com a visão dos pássaros, é porque têm medo das doenças que possam trazer. No entanto, as maleitas são fruto da avidez e irresponsabilidade humanas, e não dos próprios

pássaros. Chegámos a um ponto de exaustão dos recursos naturais pelos pecados mortais da gula e da ganância. São os animais que já não aguentam: umas vezes queixam-se as vacas, outras os porcos ou, ainda, as aves dos céus e os peixes dos mares. As epidemias são a paga natural do nosso mau viver, um aviso emitido pela terra de que algo vai mal e está profundamente errado.

Doenças à parte, ainda são muitos os chineses que vão passear os seus passarinhos engaiolados ao Jardim dos Ninhos das Pombas Brancas.

Francisco sorriu ao pensar que talvez o comerciante rico das pombas fosse uma reencarnação de Camões. Por que não? No Oriente tudo é possível, a começar pelo regresso à terra numa estranha roda de nascimentos que nada tem a ver com os carrocéis das nossas feiras populares.

Ora Camões, que fora pobre e maltratado pelo destino, teria voltado ao mundo dois séculos mais tarde na figura de um rico criador de pombas. Eis uma recompensa perfeitamente justa ao nível telúrico. Resta saber se esse tal português versejava, se calhar não; mas há quem defenda que não se pode ter tudo: nobreza de espírito e também riqueza material. Enfim, às vezes um ou outro consegue a proeza de um certo bem-estar muito próximo do que as pessoas chamam felicidade.

Porém, a maioria dos poetas portugueses que esteve em Macau não o conseguiu. Eles vieram carregados de sofrimento e partiram do mesmo modo. Claro que não foi culpa da terra. Além disso, houve excepções como Maria Anna Acciaioli Tamagnini (1900-1933), uma enamorada de Macau, que deixou um dos mais belos testemunhos de alegria nesta terra. Francisco recitou de cor:

Folhas de Lótus

Sobre folhas de lótus escrevi
As letras do teu nome, meu amor,
Naquelas folhas que a sorrir colhi
Ao debruçar-me sobre o lago em flor

Sobre folhas de lótus desenhei
O mais risonho trecho da cidade
E esse leve desenho que tracei
Dir-se-ia uma paisagem feita em jade.
(1991: 15)

LITERATURE

Maria Tamagnini viveu intensamente os símbolos poéticos chineses e assimilou-os, derramando-os em poesia: a flor de lótus, o lago, o jade... Pudessem eu fazer o mesmo – pensou Francisco –, mas falta-me a sensibilidade poética feminina. Além disso, os tempos são outros. As paisagens que inspiraram a poetisa são diferentes das que vivo e me inspiram a mim. A minha tristeza é grande. Por isso, deixo para mais tarde o Jardim Lou Lim Ieoc, onde facilmente posso encontrar a alma de Tamagnini a pairar sobre o jardim do velho Lou Kau 卢九, um mercador chinês que teve a boa ideia de construir um jardim ao estilo de Suzhou. Seria velho quando o mandou construir em 1906? Talvez não fosse, mas o seu espírito era, pois transportava na inspiração quase cinco mil anos de civilização chinesa. O jardim passou a propriedade pública em 1974 e hoje é um dos poucos verdadeiramente representativos da tradição dos jardins chineses de Macau.

Nada tem a ver com o Jardim Camões, onde estão registadas as homenagens ao poeta nacional de Quevedo, Almeida Garrett, entre outros. Fixo a última estrofe do elogio de Francisco Maria Bordalo em 1851. Mais uma vez, sou tocado pela coincidência de nomes, mas também de sentires:

Recordando as canções do génio raro
Seus amores, seu fado lastimoso
Sente-se menos triste o desterrado
Não é junto a Camões tão desgraçado.

Era certo que Francisco se sentia por vezes muito triste, mas as suas desditas acompanhavam os ritmos naturais, não lhe estavam enraizadas na alma, como sucedia aos eus poéticos de Camões, Pessanha e tantos outros. Ele não. Nos dias de sol, rejubilava, nos dias de chuva, anoitecia. Não se sentia desterrado, impelia-o o nobre dever de sobreviver num planeta difícil. E também de tentar compreender o mundo que o rodeava. Quiseram o destino que fosse empurrado para o Oriente e aceitava-o.

As suas indagações prosseguiram. Como em Macau tudo era muito perto, foi a pé do Jardim Camões até ao das Artes, na Avenida Rodrigo Rodrigues, onde morava a estátua de Camilo Pessanha, poeta que morreu em Macau em 1926. Lá estava mais um jardim vítima da gigantesca pressão cidadina. Era uma pequena faixa rodeada por Casinos. Na verdade, talvez tivesse começado por ser um verdadeiro jardim, mas

LITERATURA

aquilo que agora via, mal merecia esse nome. Ainda assim era qualquer coisa. Sobre tudo as estátuas, uma de José dos Santos Ferreira (1919-1993), outra de Camilo Pessanha, ambas da autoria do arquitecto Carlos Marreiros.

Sabia da vida solitária e triste de Pessanha, suportada por muito ópio. Era o tempo, que permitia destilar em fumo a dor de uma existência em terra estranha e distante. Leu com interesse a inscrição: “Poeta maior do Simbolismo. Advogado, Magistrado e Professor. Sempre quis ser um automarginalizado da sociedade. Mesmo, agora, que lhe foi erguido um monumento. Ele desceu do pedestal da glória para vir ter connosco.”

Agradeço, sorriu-se Francisco, a familiaridade com que sou recebido pelo poeta e contemplo afectuosamente o seu cão, Arminho, prestes a saltar do pedestal para ir ao encontro do dono. O cão merece de facto elevados louros pela fidelidade e bondade com que acompanhou Camilo Pessanha. Não devia ser fácil ter um dono assim. Embora o tratasse melhor a ele do que ao próprio filho, tinha que lhe aturar os transe alucinados. Mas quem era Francisco para o julgar? Ele tinha deixado o seu cão em Portugal, em cumprimento do dever para com outros familiares, ainda assim ficara para trás.

A culpa a bem dizer não era do dono do cão semi-abandonado, mas do mundo que obrigava a um movimento incessante. De repente, travou o curso aos seus pensamentos. Incessante e só era uma mistura de palavras inconfundível, que lhe avivara a recordação de um dos mais conhecidos poemas de Pessanha:

Ao Longe os Barcos de Flores

Só, incessante, um som de flauta chora,
Viúva, grácil, na escuridão tranquila,
Perdida voz que de entre as mais se exila,
Festões de som dissimulando a hora.

Na orgia, ao longe, que em clarões cintila
E os lábios, branca, do carmim desflora...
Só, incessante, um som de flauta chora,
Viúva, grácil, na escuridão tranquila.

Eram tons emotivos e tristes de um poeta exilado, onde não havia qualquer nota de esperança, por ténue e apagada que fosse, como se podia reconhecer em Camões.

Já radicalmente outra era a vivência poética de Adé, um filho da terra. Muitos dos seus poemas transbordam bem-estar e felicidade. Seria por estar enquadrado, por viver totalmente integrado no seu meio?

Quando chegou a Macau, Francisco foi à Livraria Portuguesa, um dos pontos de encontro da comunidade portuguesa no Oriente. Aí chamou-lhe a atenção o título de uma das obras poéticas de Santos Ferreira: *Macau, Jardim Abençoado*, publicada pelo Instituto Cultural de Macau em 1988.

Na altura, folheou o livro à procura do poema que tinha dado origem àquele título tão bonito, que casava tão bem com a sua sensibilidade naturalista. Os jardins tinham-no acompanhado ao longo da vida. Eram os seus confessores. Sempre que se sentia triste, desgostoso, desalentado desabafava com eles. Ficava logo melhor. Mesmo quando estava satisfeito, não os dispensava, porque eles o erguiam a um estado de felicidade perfeita. Julgava até ter encontrado no bem-estar que despertavam a razão da imagem bíblica para o Paraíso ser um jardim. Nessas alturas sentia-se muito afim do seu mundo ocidental.

Já na tradição chinesa, o paraíso era identificado umas vezes com uma montanha, a de Kunlun (昆仑山), outras com uma terra celestial, o Paraíso de Huaxu (Huaxu Leyuan 华胥乐园), ou então com as belas ilhas Penglai (Penglai Xian Dao 蓬莱仙岛), residência dos imortais.

Ele mantinha-se fiel ao jardim, tal como Adé, um português do Oriente, que não perdera a sua costela ocidental. Para Santos Ferreira, Macau era o Paraíso e Francisco, na esperança de ser contagiado por um sentir tão positivo e feliz, tinha fixado as primeiras estrofes do poema.

Por que não havia de ser esta terra também para si um Paraíso?

Jardim Abençoado

Nossa Macau, terra santa
É um jardim bendito
Onde flores das mais lindas
Desabrocham por todos os cantos.
São abençoadas as flores,
Pois Deus nos ajudou a plantar
E os nossos antepassados as regaram
Com lágrimas adoçadas.

O coração chorará tristíssimo,
E a alma escurecerá amargurada
Se gente desajeitada
Deixar cair as flores.
(1988: 113)

Choraria Adé se fosse vivo ao ver este jardim de cimento em que Macau se transformou? Se calhar? Talvez. Ou talvez se adaptasse à nova realidade, conformando-se com a escassez de jardins na cidade. Se fosse vivo talvez se recolhesse nos poucos jardins que ainda existem. Que destino, qual é o espaço reservado no novo mundo para os poetas que gostam de cantar as flores? Será que murcham, mudam de tema ou cantam ainda que haja apenas uma única flor?

Francisco não era capaz de se colocar na pele de um filho da terra. Ele era um emigrante e sabia que nuvens negras pairavam sobre aqueles que conheciam desde sempre Macau, mas não ia deixar que elas lhe ensombassem a existência. O que podia ele fazer para travar o crescimento de Macau? Nada contava face aos poderosos interesses que já ameaçavam a ilha de Coloane, o último pedaço de terra saudável do território.

Alguns chineses tinham-se levantado em defesa de Coloane, alguns macaenses também e o futuro a Deus pertencia. A ele cabia-lhe o papel de fiel relator dos acontecimentos, tal como à restante comunidade portuguesa muito limitada pela situação dos vários países de origem: Portugal, Moçambique, Cabo Verde, Guiné; S. Tomé e Príncipe e Timor engoliam em seco, talvez Angola e o Brasil um dia chegassem a falar com a grande potência chinesa ao mesmo nível.

Voltando aos macaenses. Se a vida era frágil, havia que usufruí-la com a máxima flexibilidade. Francisco não podia unir esforços com José Inocêncio dos Santos Ferreira, apenas falava por si e estava decidido a procurar inspiração no espaço que as circunstâncias lhe tinham oferecido. Sabia que outros, bem melhores, tinham tirado grande partido da sua condição de deslocados, errantes, distantes ou o que se lhes quisesse chamar.

Escurecia. Desejava ainda passar pelo jardim Lou Lim Ieoc, mas quando lá chegou já os portões estavam fechados. Aqueles exercícios a pé por Macau, embora lhe preservassem a saúde física e espiritual, não lhe permitiam cumprir horários humanos e sociais, por isso muitos dos seus planos acabavam invariavelmente gorados.

Queria ter visitado o jardim chinês da estrada Adolfo Loureiro, mas ficou à porta, à entrada da

civilização chinesa. Não era essa a condição de Macau? A terra continuava com o estatuto de região especial, com características portuguesas.

Regressou a sua casa, empoleirada nas nuvens de um edifício de nome auspicioso, o Fortune Tower. Aí contemplou o mundo chinês com a ajuda de uma artista, Fernanda Dias, que tinha estado uns anos emigrada em Macau e incapaz de se despedir da terra, regressara há pouco tempo. Lembrou-se, ao preparar um chá verde para desintoxicar dos muitos fumos da cidade, que tinha adquirido um livro dela intitulado *Chá Verde* (2002). Folheou-o até deparar com um poema ao jardim Lou Lim Ieoc.

Sorriu então, porque estava a experimentar uma daquelas coincidências que só acontecem a quem acredita no Paraíso. A primeira e última estrofes manifestavam, segundo lhe pareceu, pontos essenciais da cultura chinesa, a primeira através do lago, onde se acotovelavam tartarugas; a última no cenário infantil, criado por crianças a escutarem a música que os velhos do jardim costumavam tocar. Havia ainda uma segunda estrofe dedicada às flores do jardim: às dalias, às acácias, aos rododendros e às camélias.

Lou Lim Ieoc

se digo o que vejo julgarão que deliro:
na orla do lago as tartarugas trepam
por ordem de tamanhos, umas sobre as outras,
é um rito ao sol de fim de inverno.
[...]

e as crianças tão minhas,
cem meninos e meninas
todos nascidos no ano do Dragão
todos de roda sentados no chão
escutam o velho tocador de erhu
(2002: 47)

As tartarugas simbolizam a longevidade, muito apreciada na China. Os chineses demoram a envelhecer e quando caem, dizem aqueles que os conhecem, é de repente. No Sul, são preservados pela humidade, apesar da poluição. Quase 100 por cento de humidade relativa realiza milagres, mesmo nas situações ecológicas mais adversas, quase insustentáveis.

A longevidade expressa-se por vários caminhos, sendo um deles a descendência. Por isso, a divindade

LITERATURA

da Felicidade traz crianças ao colo, mas a maior das fortunas é ver meninos a crescerem em ambiente natural, que as diversas formas artísticas, a música, a caligrafia, a poesia e a pintura, ajudam a desabrochar e a desenvolver.

Através do olhar poético de uma portuguesa, Francisco percebeu qual era o sentido profundo do seu gesto de emigração. Tinha partido à procura do que lhe faltava no Ocidente. Não queria pensar na morte, nem nas doenças, nem na velhice, nem na crise económica. O seu país estava a envelhecer. Cada vez se viam menos crianças. Queria sentir a vida e a alegria. É certo que lhe faltava o céu, os jardins, os animais e as crianças da sua família, mas saberia como compensar as ausências, contribuindo para que elas pudessem crescer, lá longe, no sítio onde o sol se punha, com menos dificuldades e amarguras. Ele não se sentia perdido, apenas renascido. Uma dúvida permanecia no seu espírito: talvez devesse mudar de nome ou seria melhor encurtá-lo?

Estou cansado – murmurou Francisco. Vagueei pela cidade o dia todo, pensei e repensei sobre o meu destino e o dos outros, mas não quero ir para a cama sem ler um dos chineses emigrados em Macau.

Porque também os havia, deslocados das suas terras, uns com umas vivências mais felizes do que outros. Quase todos começaram por se sentir muito estimulados pelas novidades ocidentais que a terra tinha para lhes oferecer, mas à medida que tempo ia passando suspiravam, recordando as suas terras natais. Os chineses eram como os elefantes: tinham um sítio próprio para morrer e esse era a terra dos seus antepassados, a única capaz de prolongar e imortalizar o sopro vital familiar.

Um dos grandes poetas chineses emigrados em Macau assina com o heterónimo de Yao Feng 姚风. O seu sentir relativo à emigração é tão completo quanto possível, já que nos apresenta a emigração como um sonho no qual se embarca, a fim de escapar a uma realidade difícil, rumo a qualquer oásis material, onde se suspeita existir abundância. O poema sem título está incluído numa publicação de 2011: *In Brief / 绝句*, apresentando, na primeira estrofe, em jeito de fábula, a sorte de um pangolim, e na segunda o sonho de um forasteiro. O pangolim pensa em evitar a voracidade das condições mundanas na China e por isso emigra para Nova Iorque; o forasteiro viaja para concretizar o seu sonho de riqueza fácil.

Francisco recostou-se no sofá, confortavelmente, para ler alto, às paredes e aos ouvidos chineses que por acaso o escutassem ao passar no corredor do seu andar:

你的阳光
背后是我的黑夜
地球旋转，改变睡姿
并不能改变梦的方向
焦渴，一个来自远方的客人
还在嘴唇上跋涉
一个杯子在海上漂浮
想装下整个大海
因为梦境
鱼群跃出海面
(2011: 12)

O cenário de um sol radioso para ti
É uma noite negra para mim.
A terra gira e a posição de sono modifica-se
Mas não a direcção do sonho.
Sedento, aproxima-se o longínquo forasteiro.
Comprimindo contra os lábios,
Um copo flutuando no mar.
É o mar que ele quer abarcar,
Porque na terra do sonho
Os peixes à sua superfície andam a saltar.

Depois continuou a ler até encontrar um novo poema que prosseguisse com a meditação sobre o mesmo tema. Não teve que esperar muito até encontrar novo poema, onde se transmitia uma visão mais positiva da emigração, a que impelia as pessoas a partirem para descobrirem novos mundos, impulsionadas pela curiosidade em visitar civilizações que oferecessem exemplos nas suas práticas da concretização de ideais da humanidade.

Num poema sem título, após referência à abolição da pena de morte no Portugal e de mencionar a viagem de Vasco da Gama à Índia, num elogio declarado ao movimento de descoberta e ao encontro de civilizações, termina Yao Feng a atacar as posições xenófobas, reveladas em certos sectores ocidentais, quando referem o perigo amarelo. O fechamento, provocado tantas vezes pelo medo e ignorância do outro, conduz à atribuição de rótulos negativos e à incompreensão.

Francisco mais uma vez leu em alta voz a última estrofe para um auditório imaginário, construído pela sua mente de emigrante solitário:

历史上，黄祸论甚嚣尘上
西方人说，中国人像蚂蚁一样繁殖
是对人类不负责任的表现
(2011: 24)

O perigo amarelo foi ao longo da história
proclamado,
Os chineses multiplicam-se como formigas, diz-se
no ocidental lado
Sinal de irresponsabilidade é-lhes detectado.

Será que o olhar emigrante pode ofender?
Depende dos olhos que vêem, das mentes que lêem e
dos interesses em jogo.

Eu vim em paz para Macau, continuava Francisco
a desfiar o pensamento, e não represento qualquer
perigo branco. Partirei quando o destino cozinhar a
minha hora. Os chineses que se têm espalhado pelo
mundo, também não representam ameaça; muitos,
a grande maioria, move-se por interesses financeiros,
uns quantos, mais aventureiros ou de propensões
intelectuais, obedecem à sua sede de saber. Estes últimos
andam a experimentar nos jardins, os frutos da árvore
do conhecimento.

Fico-me pelo naturalismo, emigrei quando foi
necessário para alargar o conhecimento e satisfazer as
necessidades de sobrevivência, a vontade de sonhar e
de amar. Não me fechei ontem, como não o farei hoje.
Amanhã se verá, o futuro a Deus pertence. A vida do

emigrante é pautada pelo movimento e o que deixámos
não se retoma. Os mais optimistas entre nós pensam,
no entanto, que um dia poderão voltar à terra natal para
abrir novo caminho, realizando um velho sonho: o de
um mundo melhor. Depois de um tempo no Oriente,
ficamos a pensar em termos complementares. Velho
sonho. Novo caminho.

Velho Sonho. Novo Caminho

As árvores, os ribeiros e as ondas do mar
Cruzam-se a cantar,
As flores erguem-se ao alto
nos montes e nos jardins,
o Céu estão a cumprimentar.

É um velho mundo recriado,
Afastado do passado,
Sem deixar de ser natural,
Tem muito de artificial.

São oportunidades ganhas,
Que se julgavam perdidas.
É o regresso
Ainda em tempo útil
A uma nova vida.
E quanto a filosofias,
Não há melhor reencarnação
Pois não?

NOTAS

- 1 De acordo com informações recolhidas junto do investigador António Aresta, a banda da Guarda Policial de Macau tocava no Jardim de São Francisco. No século XIX tocaram uma valsa

intitulada *Saudades de Penafiel*, cuja autoria ainda não foi possível precisar.

BIBLIOGRAFIA

- Dias, Fernanda. 2002. *Chá Verde*. Macau: Círculo dos Amigos da Cultura de Macau.
Ferreira, José dos Santos. 1988. *Macau, Jardim Abençoado*. Macau: Instituto Cultural de Macau.
Pessanha, Camilo. 1969. *Clepsidra e outros Poemas*. Ed. João de Castro Osório. Lisboa: Ática.

- Tamagnini, Maria Anna Acciaoli. 1991. *Lin Tchi Fá. Flor de Lótus*. Macau: Instituto Cultural de Macau.
Yao Feng 姚风. 2011. *In Brief / 绝句*. Hong Kong: The Chinese University Press, 2011.